

Mídia, recepção e educação

RESUMO

O professor Guillermo Orozco Gómez nos conta, nesta entrevista, um pouco da sua trajetória e os caminhos que o levaram até o Modelo das Múltiplas Mediações e da chamada Educação para os Meios. Desafio interdisciplinar da maior envergadura, esta alfabetização crítica tem, como elementos fundamentais, a linguagem e os códigos dos próprios meios de comunicação.

ABSTRACT

In this interview, Guillermo Orozco Gómez tells us a little about his trajectory and the paths which drove him to the Model of Multiple Mediations and to the Education for the Media approach.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Educação (*Education*)
- Recepção (*Reception*)
- Mídia (*Media*)

GOSTEMOS OU NÃO, o sistema dos meios de comunicação está exercendo transformações concretas sobre a educação e o sistema educativo. É sabido que a educação não aceita “legitimar” a mídia como um elemento educador. Desta forma, contra todas as evidências, a relação múltipla entre os meios de comunicação, as tecnologias de informação e a educação tem sido desconsiderada pelos professores, pais, alunos e os próprios órgãos governamentais responsáveis dos países da América Latina. Sem um interesse institucional ou individual por desenvolver uma pedagogia do uso da imagem pela educação, produz-se na sociedade uma sensação geral de descompromisso com a questão, enquanto uma certa espécie de educação está, efetivamente, sendo realizada pelas mídias comerciais, sem que se possa cobrar sua responsabilidade nesse processo. É preciso mudar a idéia generalizada de que os meios só servem para divertir e informar, pois isso impede a compreensão do fenômeno educativo que está se desenvolvendo através dos mesmos. Este é o universo no qual o Professor Guillermo Orozco Gómez, desenvolve suas pesquisas: em busca de uma alfabetização aos meios de comunicação, capaz de entender (e ensinar) como se pode manipular com os meios.

Revista Famecos - Há algum tempo o senhor vem trabalhando com a perspectiva de que a televisão é um instrumento de educação. Como se localiza tal proposta dentro do campo da Comunicação?

Guillermo Orozco - Primeiro, eu gostaria de dizer que a relação entre os meios de comunicação e a educação é uma área que me interessa muito, que tem me interessado por muitos anos. Eu tenho tratado de entender o que significa a relação da televisão com os

Guillermo Orozco Gómez¹

Universidade de Guadalajara - México

receptores, em função da educação e da pedagogia. Ou seja, é todo um campo de debate e de interesse que vincula os meios de comunicação e a educação. Uma das minhas linhas de trabalho é a “educação para a comunicação”. Sobre isso podemos falar depois. Outra linha procura entender as transformações que todo o sistema de meios de comunicação está exercendo sobre a educação e o sistema educativo.

Eu acredito que há uma relação múltipla muito importante entre meios de comunicação, tecnologias de informação e educação, em distintos níveis. Essa relação não é entendida pelos ministérios da educação e tampouco pelos educadores e pais de alunos. Há um grande desencontro em distintos níveis entre o que percebem os grupos de receptores e o que está acontecendo com os meios de comunicação, particularmente a televisão. Quanto a isso, eu gostaria de dizer que existe uma percepção errônea e generalizada, tanto no México quanto em outros países da América Latina, sobretudo dos professores de ensino básico e médio, os quais seguem pensando que os meios de informação servem apenas para distrair, divertir e, em todo o caso, informar. Os meios de comunicação são vistos como algo que deve ficar fora da escola, fora do processo educativo formal. Quando se aceita que algo dos meios de comunicação entre na escola trata-se de algum programa instrutivo, algum filme que possa transmitir uma mensagem positiva aos estudantes ou simplesmente vídeos educativos, produzidos pelo Ministério da Educação, no caso do México. No país, o Ministério de Educação produz muito material videográfico para auxiliar o processo educativo nas escolas; continuamente está produzindo vídeos sobre física, química, matemática para apoiar o livro texto, para ilustrar o que o professor está ensinando. Por outro lado, os professores usam esses vídeos para apoiar seus esforços de ensino. Essa é a idéia que se tem dentro do sistema educativo: de que todos os materiais na forma de imagem são para apoiar o discurso oral ou escrito, estes sim legítimos para transmitir conhecimentos. Tudo o

que é imagem é apenas apoio, ilustração, mas não tem legitimidade para transmitir conhecimento. Não há um interesse nem institucional, nem individual por desenvolver uma pedagogia do uso da imagem pela educação.

RF - Parte dos estudos sobre a comunicação de massa sustentam que a programação televisiva não educa; muito pelo contrário, apresenta-se como fonte de alienação. Neste sentido, a sua perspectiva encontra alguma forma de resistência. Como responder a ela?

Orozco - De fato, é fortíssima a impressão de que os meios de comunicação não têm legitimidade para ensinar. Isso é uma percepção geral no México e, diria, também na América Latina. Em um certo sentido, há razão para pensar que os MC não têm uma intenção de educar e tampouco de prestar um serviço público para os receptores. Os MC, enquanto empresas, têm como prioridade o lucro; ou seja, oferecer uma mercadoria que permita ter muito *rating* e a partir do *rating* ter muitos ganhos. E me parece que junto com isso está a idéia de que, explicitamente, os MC diriam “nós não queremos educar, não temos responsabilidade de educar, queremos divertir”. Por outro lado, os professores dizem “os meios são terríveis, claro que isso não é educação, isso não educa”. Então, o efeito que isso produz na sociedade é a sensação de que não se está realizando nenhum tipo de educação com os meios comerciais. Isso é um erro, porque se está realizando efetivamente, uma certa espécie de educação, mas ninguém exige a responsabilidade a ninguém. Chega-se então a pensar que os meios de comunicação não têm nada que ver com educação. Essa é uma idéia generalizada. Todavia, me parece muito importante se mudar essa idéia social de que os MC somente servem para divertir e informar. Porque, justamente, divertindo e informando estão produzindo aprendizagens em todos os setores, mas isso não se entende porque há uma definição muito estreita, muito reducionista da

educação: Educação é aquilo que é instrução, tudo aquilo que eu quero ensinar, que a sociedade diz que devo ensinar às crianças, isso é educação. Então, educação é aquilo que faz a escola. Nenhuma outra instituição pode educar. Educação é aquilo que se faz seriamente, com muito esforço. Aquilo que é divertido não é educação. Então, eu acredito que há uma idéia equivocada sobre educação e que é preciso mudar essa idéia. Educação pode ser muito divertida, pode ser fora da escola, pode ser muito mais que somente instrução.

Esses três sinônimos de educação estão impedindo que haja uma compreensão do fenômeno educativo que se está desenvolvendo através dos MC. Por outro lado, há uma transformação dos processos perceptivos. Isso se pode constatar. As crianças são capazes de receber mais informações por minuto e de processar mais informações, de receber informações através de imagens, sons e textos diversos. O que está acontecendo é um fenômeno onde a lógica tradicional da linguagem escrita está se modificando por outra; sobretudo do hipertexto, do digital. Sobre tudo as capacidades das novas gerações têm sido modificadas porque podem mais rapidamente assimilar informações simultaneamente, de diferentes meios. Entretanto, as novas gerações podem não ser *experts* na lógica da linguagem escrita, que é a exigida pelos professores, na escola. Há um descontro muito grande a este nível de linguagens, de lógicas, da organização das informações. Eu acredito que a resposta que os Ministérios da educação estão tendo em relação a esse fenômeno é totalmente instrumental, insuficiente e equivocada. Insuficiente porque unicamente está atendendo a um projeto de introduzir máquinas nas escolas e isso não é suficiente. Seria importante desenvolver uma metodologia para essa interação, para que realmente se aproveite o potencial dessas máquinas.

RF - O senhor tem trabalhado com projetos de alfabetização para os meios de comunica-

ção, cujo objetivo é o de interferir no processo de recepção e ensinar como ler os meios de comunicação. O senhor coloca essa interferência como uma prática pedagógica necessária. Por outro lado, na década de 70, através da pesquisa-ação, inúmeros estudos se destinaram a desvendar o poder ideológico dos meios de comunicação através de um sistema que acabava por ensinar uma maneira crítica e também ideológica de ler o próprio meio. Quais as afinidades ou distanciamentos entre estas duas perspectivas de alfabetização?

Orozco - Eu me distancio dessa perspectiva, mas gostaria de citá-la porque, na América Latina, nas décadas de 70 e 80, ela era fundamental. Sua preocupação central era com o potencial ideológico dos conteúdos. A linguagem, a técnica e a forma não importavam. Não se percebia como uma problemática. O problema era a ideologia que se transmitia. Entretanto, me parece ser uma perspectiva bastante reducionista. Quanto aos distanciamentos: primeiro, eu tratei de fazer uma educação, uma alfabetização aos meios de comunicação, entendendo "alfabetização" não apenas a partir da concepção ingênua da linguagem ou no sentido tradicional da leitura, mas uma alfabetização como a concebia Paulo Freire. A partir do entendimento da seqüência dos movimentos de câmera, das ênfases em uma tomada - de baixo para cima, de cima para baixo -, da compreensão da linguagem da representação, pode-se perceber como é possível manipular com esse meio. É isso que entendo por alfabetização, a alfabetização crítica ao meio, na qual os elementos fundamentais são a linguagem e os códigos dos meios de comunicação. A partir desse olhar é possível saber como, por exemplo, os programas educativos internacionais como o Vila Cézamo, tem seqüência em função dos comerciais que rompem muitas vezes o processo de aprendizagem, ou seja, eles têm de ser cortados ou planejados para adequarem-se ao horário publicitário programado para aquele momento.

Os debates que tinham os acadêmicos

dentro do planejamento do Vila Cézamo era que eles tinham que adequar toda a sua proposta educativa à programação publicitária. Isto era muito difícil e um grande desafio, já que os programas televisivos têm que estar de acordo com a publicidade, porque precisam vender. Mas como comunico essa idéia ao receptor, como ensino essa idéia? Tudo isso entraria dentro da alfabetização crítica televisiva. Mas a perspectiva que estou desenvolvendo é uma pedagogia de fazer evidente o que não é evidente aos receptores; ou seja, não é impor uma nova ideologia, mas simplesmente facilitar uma situação de aprendizagem onde nós, receptores, tornemos evidente o que não é evidente.

RF - O juízo de valores viria por parte dos receptores? Essa seria a diferença?

Orozco - Sim. A mim me parece que os esforços de educação crítica, leitura crítica dos meios dos anos 70 e 80 eram esforços ideológicos, mas não pedagógicos. Essa é a minha aprendizagem histórica. Porque não tinham uma pedagogia para ensinar a ver televisão, então, tinham boa intenção, uma percepção muito crítica dos meios e queriam comunicar isso, mas não tinham uma metodologia pedagógica para ensinar. Assim, o que resultava ao final era apenas um doutrinamento distinto com outra ideologia. A mim pareceu que o problema da educação para os meios não era um problema ideológico, mas um problema metodológico: como fazê-lo? De fato, esse problema metodológico está em conexão com um problema epistemológico: como conhecer as distintas linguagens dos meios? Como fazer sentido de diferentes linguagens, como produzir conhecimentos de distintas linguagens e como produzir conhecimento crítico da nossa interação com esses meios? E esse é o desafio na ordem metodológica e epistemológica e não na ordem ideológica.

A minha proposta seria a de aprendizagem construtivista. Ou seja, tomando toda essa corrente do construtivismo que arranca

com Piaget e segue com Vigotsky e com outros teóricos-pedagogos. Para eles é importante construir uma situação de aprendizagem, na qual os estudantes entrem e possam desenvolver e construir sua própria aprendizagem. Parece-me que é isso que temos que fazer para os meios. Por um lado, há o desafio de explicitar o específico dessa proposta construtivista para a educação midiática. Esse é um desafio no qual há que se trabalhar. Eu comecei a trabalhar neste sentido, mas não tenho tudo acabado. A minha proposta é tentar fazer isso evidente e estou tratando de fundamentá-la. Essa proposta é produtiva para alcançar os objetivos de modificar a percepção que se têm dos meios de comunicação. Por outro lado, também busco desenvolver uma metodologia com exercícios específicos, exercícios lúdicos, com toda a filosofia do jogo, pois o jogo me parece ser o matiz com o qual podemos fazer esse tipo de educação, justamente porque os meios de comunicação entram nesse nível lúdico do jogo e para educar, para desenvolver uma visão mais crítica, precisamos explorar este recurso.

O que estou fazendo é tratar de pensar, imaginar jogos que permitam facilitar aos outros o entendimento de princípios fundamentais, como, por exemplo, o de que tudo o que vemos nos meios audiovisuais é uma representação. Mas ensinar a uma criança de 10 anos que o que ela assiste nos meios não é a realidade, que isso é apenas uma representação, é algo muito abstrato. Há um jogo que consiste em oferecer uma folha de papel a uma criança, para que se ela a use como se fosse a sua câmera. É interessante que se faça evidente à criança um olhar a partir de sua própria lente da câmera e assim, chegar por si mesmo a uma construção abstrata. Trata-se de um processo concreto de que aquilo é uma representação, porque temos todos que selecionar “pedacinhos da realidade”. Esses são os tipos de jogos que deveremos desenvolver os educadores para os meios, exercícios que permitam evidenciar o princípio de que a realidade representada nos meios está aí e que a criança tome a decisão

que queira... eu não posso impor minha ideologia, mas se tenho que lhe dizer aqui há isso, aqui há isso, se ela me perguntar qual é o melhor, darei minha opinião, mas não vou impor-lhe.

RF - O senhor construiu o Modelo das Múltiplas Mediações. Tal modelo também serviria para captar quais mediações poderiam ter uma influência no processo de educação e que ajudariam as crianças a entender o processo de recepção. Como estão se desenvolvendo os estudos – e possíveis resultados – neste campo?

Orozco - A idéia das Múltiplas Mediações partiu da comprovação empírica de que o professor, na escola, exerce uma mediação negativa ou positiva. Ele exerce uma mediação negativa quando exclui o tema dos meios de comunicação das salas de aula, porque perde a oportunidade de reorientar a visão que as crianças têm do que escutam, etc. Ou seja, a mediação do professor, que seria uma mediação pedagógica, está ausente. No entanto, a mediação pedagógica é muito importante porque seguimos em contato mental com os meios de comunicação mesmo quando acaba o contato físico com os mesmos. Daí que, se estamos em contato mental com os meios e as crianças também estão - o que está provado, uma vez que as crianças falam e trocam significados acerca do que viram e escutam no dia anterior -, se enfim, as crianças estão em contato, estão reproduzindo significados, o professor pode intervir. A desculpa do professor ao se abster é que a televisão é algo que tem a ver com a família, é algo que está na casa da criança, e esta concepção está isto está errada. A criança leva a televisão à escola e o professor tem a oportunidade de intervir e reorientar sua recepção, convocando a criança para que fale sobre o que viu e para dar a sua própria opinião. Isso já é melhor do que nada. As crianças precisam de um outro referente distinto daquele dos próprios meios de comunicação e o professor pode possibilitar esse referente.

RF - Para isso dar certo, o professor também precisa estar “alfabetizado” em relação aos meios. Afinal, se é negativo um professor não acolher as informações dos meios, também deve ser negativo o professor que acolha tais informações sem críticas. Então, também seria necessário, uma alfabetização dos professores...

Orozco - Quanto a este ponto específico eu teria uma opinião diferente. Porque eu não acho que a condição para que o professor possa exercitar uma mediação pedagógica é que ele esteja “alfabetizado”. Eu acho que o que se necessita é que o professor esteja convencido de que ele pode modificar o que a criança vê ou escuta na televisão. O maestro não tem que estar alfabetizado. Durante 30 anos pensamos que teríamos que formar os reprodutores, mas para mim, isso foi um fracasso total. Eu acho que o professor precisa estar convencido de que se ele intervir haverá um efeito, se ele não intervir haverá um efeito bem diferente, e que ele tem que intervir da maneira que for. O que temos que formar no professor é o entendimento de que a criança pode aprender qualquer linguagem, não apenas com o livro, mas em qualquer meio, em qualquer situação, dentro e fora da escola e de que ele terá maior relevância na medida em que for orientar todos as aprendizagens. Ele será mais relevante para a educação dessa criança e então tem que aproveitar qualquer situação interna ou externa para orientar, no sentido ideológico que seja.

RF - O modelo das múltiplas mediações existe há mais de 10 anos e há muito tempo o senhor aponta o papel da tecnologia enquanto mediação. Martín-Barbero, em *De los Medios a las Mediaciones* (1987) ressaltou a importância da cultura como mediação, mas no décimo aniversário do livro, pareceu evidenciar um regresso aos meios. Hoje, tanto a produção do senhor quanto a de Martín-Barbero parecem confluir em alguns aspectos, pois ambos reconhecem a tecnologia como mediação, evidenciando o papel da educação e o

surgimento de um novo tipo de construção de pensamento, que Martín-Barbero denomina um novo *sensorium*. Como se dá essa confluência, já que parece que, por caminhos diferentes, ambos estão trabalhando os mesmos pontos.

Orozco - Não sei como responder isso, mas eu tenho a impressão de que por distintos caminhos chegamos a algumas coincidências. Eu acredito que Martín-Barbero por muito tempo não esteve motivado para falar do educativo relacionado aos meios porque ele não tinha um interesse particular no que ele chama corrigir a “mirada” (o olhar) dos receptores (...). Ele reconheceu projetos e experiências de educação para os meios, mas finalmente, a partir de Walter Benjamin ele se deu conta de que a capacidade da tecnologia não é somente de facilitar processos, tornar mais eficiente algo, mas também a de modificar a percepção. Benjamin fala do *sensorium* (termo latim) que é um pouco do que se sente, do que se percebe. Quando Martín-Barbero se deu conta do *sensorium*, creio que ele passou a se interessar pelo educativo. O interesse educativo fica claro no livro *La Educación desde la Comunicación*.

Martín-Barbero fez sua tese de doutorado sobre o significado e outras coisas, mas o primeiro capítulo foi sobre Paulo Freire. Paulo Freire tem sido o motivador de muitos, inclusive o meu, que me fez pensar de outra maneira sobre o mundo. E aparentemente isso também ocorreu com Martín-Barbero, que dedicou um capítulo a entender a proposta filosófica, eu diria neofilosófica, de Paulo Freire. A partir de Freire ele começa a pensar a relação da educação e o impacto que a educação - como um *sensorium* de formação - está tendo através das novas tecnologias. É interessante ver no pequeno livro citado acima, que é de 2002, porque mostra como estava aparentemente adormecida essa parte educativa. Freire por um momento lhe inspirou, mas lhe inspirou mais do que pelo pedagógico e educativo, por essa filosofia, pela epistemologia de entender o ser humano e por ser uma visão muito latino-america-

na. Creio que Freire tem sido impactante por ter uma proposta que nasce na América Latina, como acontece com Martín-Barbero. Creio que o que mais impactou Martín-Barbero não foi o pedagógico de Freire, mas sua concepção filosófica e na abordagem latino-americana e isso ele conseguiu perceber com a sua tese e a retoma alguns anos depois, publicando pela primeira vez, depois de um bom tempo, nesse pequeno livro. Eu e Martín-Barbero já conversamos um pouco sobre isso. Para mim, Paulo Freire foi fundamental, posso dividir minha vida (produção intelectual) em antes de conhecer Paulo Freire e depois.

RF - Em relação ao Modelo das Múltiplas Mediações o senhor citou duas fontes: Martin Serrano, que trabalhava com a noção de mediação enquanto meio, e Martín-Barbero, a partir da noção de interação, mas voltando-se mais para a cultura. É interessante que o senhor, quando constrói o modelo das múltiplas mediações parece tentar englobar as duas noções. Existe uma diferença significativa e entre eles a ponto de serem inconciliáveis ou o senhor construiu o modelo justamente numa tentativa de agregá-los?

Orozco - Sim, são diferentes. Mas acredito que é preciso entender o contexto de cada um deles. O de Martin Serrano, como um contexto no qual o que importava era o meio de comunicação, no qual estava ocorrendo um grande desenvolvimento tecnológico, os meios de comunicação podiam chegar a qualquer lugar, representavam um contexto muito mais de descobrimento. Os MC tinham um papel muito importante. Já Martín-Barbero é mais filósofo, menos analista dos acontecimentos. Ele não se deslumbra tanto com a tecnologia, mas sim pelos processos profundos que vão desenvolvendo-se e que permitem desenvolver essa tecnologia. Então, eu acredito que são dois lugares muito diferentes de pensar a comunicação. Eu nunca tive a intenção de fazer uma síntese deles. Mas me pareceu que em nível

mais intermediário, mais empírico, se poderia falar de distintas mediações, e que havia uma mediação própria do meio, que eu chamei de “videotecnológica”. De qualquer forma, não se tratava de sintetizar a perspectiva de Serrano. Nunca pensei assim, pelo menos. Eu sigo pensando a mediação videotecnológica como um processo mais técnico do que ideológico, pois creio que essa parte ideológica está em muitos lados, não só ai.

RF - Que outras correntes inspiraram o desenvolvimento do modelo das Múltiplas Mediações?

Orozco - Os Estudos Culturais, Freire e, depois, a Corrente neoclassista da educação. Quando estudava comunicação descobri Freire. Trabalhei com Comunicação e Educação Popular em favelas de Guadalajara, a partir daí, me dei conta de que o problema era pedagógico e metodológico. Porque sentia que era demasiado ideológico, que eu “tinha a verdade”, que a minha verdade teria que ser a verdade de todos, como os meus colegas, que achavam que eles tinham a verdade. Daí percebi que havia alguma coisa errada. Então, decidi estudar pedagogia. Senti que deveria seguir estudando, combinando pedagogia com televisão, para poder fazer um programa educativo efetivo, hesitoso, como o Vila Cézamo.

Quando cheguei a Harvard, me dei conta que o problema era outro, não era fazer uma programação efetiva, mas dar as ferramentas para que as pessoas pudessem enfrentar criticamente o encontro com os MC não educativos, não instrutivos, que eram a maioria. Então, me pareceu que havia que desenvolver uma pedagogia de ver televisão. Mas em Harvard, que era uma escola de educação, ainda não uma escola de comunicação, a única corrente de comunicação existente lá era a produção de Vila Cézamo, então, procurei uma corrente para sustentar meus estudos e encontrei os Estudos Culturais, concretamente, Stuart Hall e todos os que estavam produzindo muitos conhecimentos. Não co-

nhecia o Martín-Barbero porque ele começou a ter reconhecimento na América Latina quando eu estava nos EUA. Nunca soube da sua existência até quando eu estava por terminar minha tese de doutorado. Eu voltava ao México, três meses antes de finalizar a tese e foi quando uma amiga me deu o livro *De los Medios a las Mediaciones*. Claro que se tivesse lido isso antes teria sido mais fácil. O meu problema é que eu não encontrava sustentação suficiente para convencer as pessoas de Harvard de que o que eu estava dizendo tinha algum sentido. Eu precisava me apoiar em outros, e assim me apoiei nos Estudos Culturais sem que eles, entretanto, tenham me convencido totalmente. Porque sempre pensei que os MC tinham um lugar particular e que nunca poderia entender isso das identidades, da cultura... isso era muito complicado e eu era mais simples.

RF - De que maneira os pesquisadores interessados em trabalhar com o seu modelo podem apropriar-se das categorias e das mediações que o senhor sugere para realizar um estudo?

Orozco - Eu acredito que a forma como eu venho me apropriando da idéia de mediações estabelece um referente que me permite ver coisas e começar a arrecadar dados empíricos, dos quais vão surgindo outras categorias distintas da original que não a contradizem, mas a completam. Eu diria que essa seria uma maneira. Tomar como referente de início alguma mediação, com a idéia de que há muitas mediações e, empiricamente, confirmar se há de fato outras, e quais seriam.

RF - A partir dos inúmeros trabalhos realizados com o Modelo das Múltiplas Mediações, quais são as maiores transformações na sociedade que o senhor acredita serem ocasionadas pelos meios de comunicação?

Orozco - Eu creio que como resultado desse crescimento de diferentes meios e tecnologi-

as, se está modificando a capacidade de percepção, principalmente das gerações mais jovens. Também se está modificando nossa capacidade de construir conhecimento através de diferentes linguagens, não somente a linguagem oral e escrita, mas também a linguagem visual e digital, e as crianças são um exemplo disso. Creio que há uma capacidade de constituir entendimento a partir de diferentes linguagens. O problema é que não existe uma pedagogia que nos permita alcançar este efeito e por isso nos causa um mal estar, pois não sabemos como agarrá-lo, como ensiná-lo. Também creio que as maneiras com as quais nos divertimos também foram modificadas, para melhor e para pior. O que aconteceria nas grandes cidades se não tivéssemos acesso aos videogames, filmes, vídeos, televisão, música, rádio? Ficaríamos loucos. Como nesses centros não podemos ter outros tipos de diversão, os meios de comunicação nos ajudam a suportar a cotidianidade.

Temos que ver ambos os lados. Na América latina, até há uns cinco anos, os acadêmicos só pensavam negativamente dos meios. E era uma contradição, pois estávamos emocionados com os meios, buscávamos os meios, por isso estudávamos comunicação; mas às vezes tínhamos um preconceito ideológico de que estava errado, que tínhamos que entrar em guerra com os meios. Enfim, crescemos numa esquizofrenia.

RF - O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa antes de encerrarmos?

Orozco - Sim... sempre que venho ao Brasil encontro uma experiência muito refrescante, porque no Brasil se está fazendo Estudos de Recepção, há interesse por tudo isso, e no México não há. Parece-me que se o interesse pelos estudos da recepção permanecer será por vocês, estudantes brasileiros. Na América Latina, existem estudos deste tipo isolados, mas, atualmente, não há tanto interesse pela recepção. Há muito interesse em outros temas, como Cidadania e a cidade

como espaço de comunicação, cultura e toda essa parte, mas creio que a televisão, para eles, que era o meio de comunicação por excelência, foi trocada por outras tecnologias nos estudos de comunicação. No Brasil há, de fato, um interesse por investigar. Nos estudantes de outros países não vejo o mesmo interesse por investigar: há a proposta de rapidamente fazer uma dissertação e tirar o título, o diploma. Isso me faz ter um carinho e uma atenção muito especial pelo Brasil .

Notas

* Entrevista realizada por Rene Goellner (doutorando em Comunicação e Informação), Luciana Dornelles (Mestre em Comunicação e Informação) e Luiz Filipe Duarte (doutorando em Comunicação e Informação) durante o seminário "Tel-evidencias... Metodologias cualitativas de investigación em comunicacion, audiencias y medios audiovisuales" realizado em novembro de 2003 na cidade de Porto Alegre/ RS - Brasil - para estudantes de cursos de pós-graduação da PUCRS, UFRGS e UNISINOS, instituições promotoras do evento.

1 O Professor Guillermo Orozco Gómez é formado em Comunicação pelo ITESO (Guadalajara), especialista em pedagogia da Comunicação pela Universidade de Colônia (Alemanha) e Mestre e Doutor em Educação pela universidade de Harvard (EUA), professor e investigador do Departamento dos Estudos da Comunicação Social da Universidade de Guadalajara (México).

Foi coordenador do grupo de trabalho sobre Análises da Recepção da ALAIC e catedrático da UNESCO em Bogotá e Barcelona.